

OS PADRÕES NOMINAIS DO HEBRAICO: O PADRÃO REFLEXIVO

Rafael Dias Minussi*

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar a formação de um tipo de nominalização no hebraico moderno. Nossa análise leva em conta que o hebraico é uma língua que possui um sistema de formação de palavras baseado em raízes tri-consonantais e padrões vocálicos, os quais são combinações de vogais que dão às raízes uma categoria (verbal, nominal e adjetival), além de um significado. Deste modo, propomos que o hebraico moderno apresenta um nominal reflexivo/recíproco formado a partir de um padrão nominal que pode ser dividido em uma camada verbal e um sufixo nominalizador *-ut*, que está presente também na formação de nomes abstratos. Como consequência dessa análise, sugerimos que alguns padrões vocálicos nominais, também chamados de *mishqalim*, não são atômicos, isto é, não constituem um bloco indivisível.

Palavras-chave: nominalização, hebraico moderno, padrões vocálicos, raízes

Abstract

This article aims at analyzing the formation of a kind of nominalization in Modern Hebrew. Our analysis takes into account that Modern Hebrew is a language that has a system of word formation based on triconsonantal roots and vocalic patterns, which are combinations of vowels that give the roots a category (e.g. verb, noun, adjective), besides providing the meaning. Thus, we propose that Modern Hebrew has a reflexive/reciprocal noun formed from

* Doutorando do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. <rafaelminussi@usp.br>

Agradeço ao CNPq pela bolsa concedida para esta pesquisa. Agradeço os comentários e sugestões muito pertinentes feitos pela professora doutora Eliana Rosa Langer. Ressalto, porém, que todos os possíveis erros presentes no artigo são de minha responsabilidade.

a nominal pattern, which can be divided into a verbal tier and a nominalizer suffix *-ut*, also present in the formation of abstract nouns. As a result of this analysis, we suggest that some nominal vowel patterns, also called *mishqalim*, are not atomic, that is, do not constitute an indivisible block.

Keywords: nominalization, Modern Hebrew, vowel pattern, roots

Introdução

Este trabalho tem como objetivo principal refletir sobre como são formadas as nominalizações do hebraico, de modo especial, estudaremos algumas características das nominalizações formadas com o padrão nominal **hitCaCCut**¹. Podemos observar os dados de nominalização em 1(b) e o seu verbo correspondente em 1(a) (HAZOUT, 1995, p. 360).

- (1) a) Dan **histalek** *min* *ha-misra*
Dan deixar prep DEF-emprego
“Dan abandonou/se mandou o/do emprego”
- b) **Histalkut-ošel** *Dan* *min* *ha-misra*
abandono.CS²-pron.3ª prep. Dan prep DEF-emprego
“o abandono (dele) do Dan do emprego”

Há duas hipóteses a serem defendidas neste artigo. A primeira delas é que algumas nominalizações podem conter uma camada verbal, isto é, podem ser formadas a partir de um verbo. Sugerimos que este é o caso das nominalizações formadas pelo padrão **hitCaCCut**, o qual, por sua vez, é formado por uma parte verbal herdada do padrão **hitCaCeC**. A segunda hipótese está relacionada ao próprio padrão vocálico. Muitos autores consideram que os padrões vocálicos são atômicos, ou seja, não podem ser desmembrados e funcionam como um molde no qual serão inseridas as vogais (GLINERT, 1989; HAZOUT, 1995; ARAD, 2005). Contudo, defendemos neste artigo que nem todos os padrões

1 A letra C que se encontra no padrão vocálico serve unicamente para mostrar onde serão inseridas as consoantes que formam a raiz triconsonantal.

2 CS é a sigla para *Construct State*, “estado construto”. Para um estudo detalhado desse fenômeno, ver Minussi (2008).

devem ser vistos como um bloco, e que eles podem ser desmembrados em outros morfemas, que contribuem para uma mudança de categoria (por exemplo, transformando um verbo em nome) e para a formação de um significado específico.

Assim sendo, para alcançarmos o objetivo proposto, consideramos que o hebraico possui um sistema de formação de palavras que se baseia em raízes, triconsonantais em sua maioria (ARAD, 2003, 2005), e padrões vocálicos, os quais são conjugados às raízes, dando-lhes uma categoria definida e estabelecendo um significado.

As raízes sozinhas não possuem um significado totalmente estabelecido, mas possuem algo que, segundo Arad (2005) e Minussi (2008), pode ser entendido como um conceito mais geral, o qual apenas estará fechado, ou estabelecido, com a adição dos padrões vocálicos.

Observemos uma raiz triconsonantal $\sqrt{\text{gdl}}$, que pode receber padrões vocálicos de diversas categoriais (ARAD, 2005, p. 12), formando verbos, nomes e adjetivo:

(2) $\sqrt{\text{gdl}}$ (Raiz)

Padrão vocálico	Palavra formada
a) CaCaC (v)	gadal (crescer ³)
b) CiCeC (v)	gidel (elevar, criar, cultivar [padrão causativo])
c) hiCCiC (v)	higdil (aumentar)
d) CaCoC (a)	gadol (grande)
e) CoCeC (n)	godel (tamanho)
f) miCCaC (n)	migdal (torre)
g) CCuCa (n)	gdula (grandiosidade)
h) CCiCa (n)	gdila (crescimento)

Podemos verificar por meio desse paradigma que, de acordo com o padrão vocálico recebido pela raiz, esta toma um significado, além de uma categoria.

3 Devemos ressaltar que sempre que apresentarmos um paradigma de uma raiz em que se tenha a formação de um ou mais verbos, traremos a forma do verbo na terceira pessoa do singular masculino no passado, como é costume na literatura sobre o hebraico, por exemplo, gadal “cresceu”. Contudo, optamos por colocar o significado do verbo em português no infinitivo, como é costume ao nos referirmos a um determinado verbo em português.

A ideia de que a raiz possui um conceito mais geral e que, com a categorização ela passa a ter um significado mais específico, pode ser relacionada à noção de fase dentro da palavra (MARANTZ, 2001). Por categorização, estamos considerando a afixação de um morfema de categoria à raiz. No caso do hebraico, esses morfemas categoriais são os padrões vocálicos. Deste modo, quando unimos uma raiz a um padrão vocálico, que pode ser nominal, verbal ou adjetival, temos uma fase. A proposta de que podemos encontrar fases dentro das palavras, assim como encontramos fases na formação de uma sentença, é recente e se encontra dentro do quadro teórico da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997), teoria que tomaremos como a base para as análises de formação das nominalizações neste trabalho.

Na teoria da Morfologia Distribuída (doravante MD), não se prevê a existência de um Léxico que gere as palavras, e um de seus pressupostos é o de que tanto palavras quanto sentenças são formadas durante a derivação sintática, ou seja, estão sujeitas aos mesmos princípios e às mesmas operações, como *merge*, *move*, *copy*, etc. Sendo assim, não há entradas lexicais formadas no início da derivação. Vejamos, na Figura 1, o modelo de Arquitetura da Gramática proposta na MD.

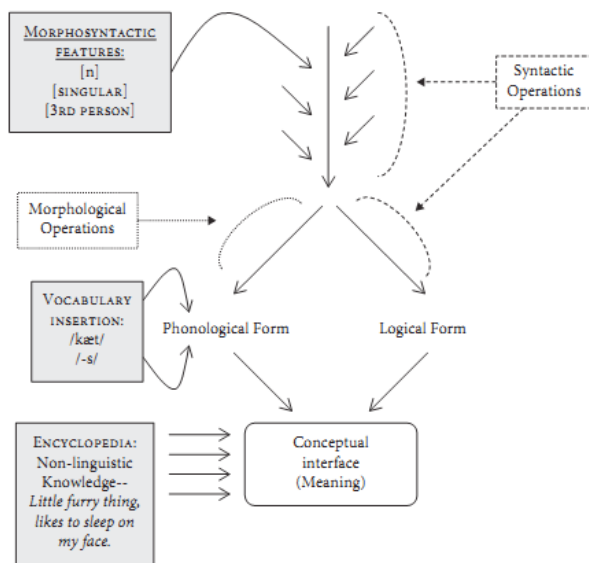


Figura 1 - Arquitetura da Gramática na MD (Fonte: Siddiqi, 2009, p. 14)

De acordo com a Figura 1, temos a Lista 1 (*Morphosyntactic Features*), que contém traços morfossintáticos como: pessoa, número, tempo, além de traços categoriais e raízes abstratas. Em nosso estudo, consideraremos que essas raízes abstratas não contém expoente fonológico, ou seja, as raízes não possuem conteúdo fonológico de qualquer tipo. Tanto as raízes quanto os morfemas abstratos receberão seus expoentes fonológicos, que se encontram na Lista 2 (*Vocabulary*), tardiamente, isto é, após a derivação sintática, por meio de regras de inserção de Vocabulário também chamadas de Itens de Vocabulário.

Também podemos ressaltar a existência da Lista 3 (*Encyclopedia*). Esta lista contém expressões idiomáticas (por exemplo, “chutar o balde”, “quebrar o galho”, etc.) e os significados especiais das raízes abstratas (por exemplo, $\sqrt{\text{GAT}}$ “felino”, “pessoa bonita”, “ligação por meio de fios clandestinos”, etc.), ou seja, é uma lista de idiossincrasias e de conhecimentos extralinguísticos.

O caminho para a formação de uma palavra, segundo a Arquitetura da Gramática proposta neste trabalho, segue da seguinte forma: primeiramente, o falante escolhe a raiz que contém o conceito que ele quer exprimir a partir de um conjunto de raízes contidas na Lista A. Esta raiz entra na derivação sintática, e será categorizada, podendo tornar-se um nome, um verbo ou um adjetivo de acordo com o morfema categorizador escolhido. Enfim, a estrutura sintática da palavra é enviada para PF (do inglês *Phonological Form*). Até ser enviada para PF, a estrutura sintática possui apenas traços abstratos. Apenas quando a estrutura sintática é enviada para PF é que ela será preenchida com traços fonológicos. Podemos ressaltar que a mesma estrutura sintática que é enviada para PF também é enviada para interpretação, ou seja, é enviada para a Forma Lógica, ou LF (do inglês *Logical Form*). A Lista 3, a lista de conhecimento extralinguístico, é acessada neste momento, ou seja, quando a estrutura sintática se encontra em LF.

Uma vez introduzidas algumas propriedades da língua hebraica, assim como os objetivos e a teoria que servirá como arcabouço teórico deste trabalho, passemos para a próxima seção, na qual refletiremos sobre os padrões vocálicos e algumas de suas propriedades.

1. Os padrões vocálicos do hebraico

Como já dissemos brevemente na seção anterior, o hebraico é uma língua na qual a estrutura das palavras pode ser decomposta em raízes consonantais e padrões vocálicos. Para Arad (2005), a maioria das raízes contém três consoantes, aqui representadas como √CCC. Esses padrões vocálicos são combinações de vogais⁴, e, segundo os estudiosos do hebraico, são atômicos, ou seja, indivisíveis. Há combinações de vogais que dão origem a verbos, a nomes e adjetivos. Nas próximas seções, vamos discutir dois tipos de padrões que o hebraico apresenta: os padrões que formam verbos e alguns padrões que formam nomes.

1.1. Os padrões verbais do hebraico

De acordo com alguns especialistas (GLINERT, 1989; BAT-EL, 1994, 2001; DORON, 2003; ARAD, 2005), o hebraico possui exatos sete padrões de combinação vocálica para os verbos. Tais padrões são chamados em hebraico de

Tabela 1 – Padrões verbais do hebraico.				
Raiz	Forma morfofonológica do padrão		Verbos	
			Hebraico	Português
√lmd	1	CaCaC	iamad ²	estudar
√lmd	2 ¹	niCCaC	nilmad	ser estudado
√spr	3	CiCeC	siper ³	narrar
√spr	4	CuCaC	supar	ser narrado
√qlt	5	hiCCiC	hiqlit	gravar
√qlt	6	huCCaC	huqlat	ser gravado
√pll	7	hitCaCeC	hitpalel	rezar
<p>1 Segundo Arad (2005), o padrão 2 não é um padrão exclusivamente passivo: ele pode hospedar verbos inacusativos, inergativos e verbos com complemento oblíquo (adaptada de Arad, 2005, p. 28).</p> <p>2 Como já indicamos anteriormente na nota 3, preferimos colocar o significado do verbo em português no infinitivo, mas a forma do verbo em hebraico está na terceira pessoa do masculino no passado.</p> <p>3 A forma siper também possui o significado de “cortar o cabelo”. Podemos observar que se trata da mesma raiz que dá origem à palavra misparaim “tesoura”.</p>				

4 Devemos ressaltar que sempre que apresentarmos um paradigma de uma raiz em que se tenha a formação de um ou mais verbos, traremos a forma do verbo na terceira pessoa do singular masculino no passado, como é costume na literatura sobre o hebraico, por exemplo, *gadal* “cresceu”. Contudo, optamos por colocar o significado do verbo em português no infinitivo, como é costume ao nos referirmos a um determinado verbo em português.

binyanim. Na Tabela 1, podemos observar os padrões, algumas raízes em que eles são inseridos e o significado do verbo formado.

O padrão verbal 1 é um padrão de voz ativa. Já o padrão 2 é um padrão de voz passiva que está relacionado ao padrão 1, isto é, as raízes que podem ser inseridas no padrão 1 são inseridas no padrão 2 quando essas ocorrem na voz passiva. Por sua vez, o padrão 3 é um padrão de voz ativa considerado causativo por alguns autores (GLINERT, 1989). Já o padrão 4 está relacionado ao padrão 3, porém seu significado é de voz passiva. O padrão 5 é um padrão de voz ativa, e o padrão 6 é sua contraparte na voz passiva. Por fim, o padrão 7 é um padrão que forma verbos com significado reflexivo e também é utilizado com o significado de voz média.

Como pudemos observar, os padrões verbais, além de corroborar o significado das raízes, trazem informações sobre a voz dos verbos formados. Na próxima subseção, descreveremos os padrões de nominalização.

1.2. Os padrões nominais do hebraico

Ao falar dos padrões vocálicos nominais, chamados em hebraico de *mishqalim*, Arad (2005) defende que existe uma assimetria nome-verbo no hebraico. Arad (2005) diz que os nomes devem ser separados em dois grupos: os que podem ser alocados em um *mishqal* (um padrão vocálico nominal) e os que não podem ser alocados em um *mishqal*. A fim de mostrar que esses dois tipos de padrão são diversos, a autora ressalta que existe uma diferença quanto ao número de padrões nominais e verbais. Deste modo, enquanto os padrões verbais são limitados a sete, os padrões nominais são numerosos.

O gramático Glinert (1989) faz uma descrição detalhada e pormenorizada dos padrões nominais. O autor cita, por exemplo, cerca de trinta tipos de combinação de vogais, com e sem afixos e, diferentemente de Arad, faz algumas generalizações quanto ao significado desses padrões.

Ao observarmos a divisão dos nomes em grupos feita por Glinert (1989, p. 429), percebemos que em um dos grupos foram alocados nomes chamados na literatura de eventivos, isto é, nomes que denotam um evento que pode ser um processo ou o resultado de um processo. Por exemplo: construção, plantação, crescimento, engarrafamento, apagamento, etc. Chamamos esses nomes de *nominalizações*. É comum que as nominalizações em português sejam formadas

por sufixos como *-ção* e *-mento*. Por sua vez, essa classe de nomes em hebraico é formada utilizando-se um dos cinco padrões descritos por Glinert (1989, p. 429-430). Vejamos, então, os padrões de nomes que são considerados nomes de ação descritos por esse autor:

- (3) **CciCa** é mais comum com raízes que podem entrar no padrão 1 de verbos.
bHina “exame”, “examinação”
*meHika*⁵ “apagamento”
harisa “destruição”
sgira “fechamento”
bxira “seleção”, “escolha”
gdila “crescimento”
- (4) **hiCaCCut** é mais comum com raízes que podem entrar no padrão 2 de verbos.
hidabrut “discussão”
- (5) **CiCuC** é mais comum com raízes que podem entrar no padrão 3 de verbos.
tipul “tratamento”
ibud “processamento”
gidul “crescimento”, “cultivo”
šikum “reabilitação”
- (6) **hitCaCCut** é mais comum com raízes que podem entrar no padrão 7 de verbos.
hitbagrut “maturação”, “amadurecimento”
- (7) **haCCaCa** é mais comum com raízes que podem entrar no padrão 5 de verbos.
hagrala “rifa”, “sorteio”

Percebemos no trabalho de Glinert a sugestão de que exista uma correspondência entre os padrões verbais e as nominalizações formadas a partir de um determinado padrão verbal, porém o autor não aprofunda sua análise de modo a mostrar que tal correspondência possui evidências sintáticas, semânticas ou morfológicas.

5 A palavra em hebraico é מדיקה

Na seção a seguir, focaremos nossa descrição no padrão nominal em 6, o qual, de acordo com Glinert (1989), é mais comum com raízes que também entram no padrão 7 de verbos, ou seja, é mais comum com o padrão **hitCaCeC**. Nessa descrição, daremos um breve panorama da reflexividade e reciprocidade em algumas línguas, além de propor que esse padrão em hebraico apresenta uma camada verbal, além de uma camada nominal.

2. O hebraico e a reflexividade por meio das línguas

Vamos iniciar a discussão fazendo um panorama do fenômeno da reflexibilidade por meio das línguas. Podemos notar, de acordo com Siloni e Preminger (2009, p. 365-385), que as línguas exibem uma variação robusta no que diz respeito às variedades de vozes disponíveis para os nominais: reflexiva, recíproca, inacusativa, passiva etc. Vejamos como algumas línguas realizam a possibilidade de marcar a reflexibilidade nas nominalizações:

- (8) a) *hitnaškut* *bney* *ha-ésre* hebraico
 beijação.RECIP filhos.CS DEF-*teens*
 “o beijar-se dos adolescentes”
 b) *hitraxcut* -*am*
 lavagem.REFL eles.GEN
 “sua autolavagem”, “a autolavagem deles”
- (9) a) *a* *gyerekek* *csókol-óz-ás-a* húngaro
 DET crianças beijo-RECIP-NOMINAL-AGR
 “o beijo mútuo das crianças”
 b) (a) *János* (*rendszeres*) *borotvál-köz-ás-a*
 (DET) János (regular) barbear-REFL-NOMINAL-AGR
 “o autobarbear-se de János”
- (10) a) *obnimanie* *detej* russo
 abraço crianças.GEN
 “o abraço mútuo das crianças”
 b) *perešjoptyvanie* *detej*
 sussurro.REFL crianças.GEN
 “o sussurro mútuo das crianças”
 c) *umyvanie* *rebjonka*
 lavagem menino.GEN
 “a autolavagem do menino”

Hebraico, húngaro e russo, segundo os dados (SILONI; PREMINGER, 2009, p. 366), apresentam uma interpretação reflexiva ou recíproca nos sintagmas nominais eventivos. Porém, de modo interessante, podemos observar que, em outras línguas, por exemplo, nas línguas românicas, com exceção do português brasileiro, não há marcação de reflexibilidade/reciprocidade nas nominalizações, embora haja disponibilidade de marcação e interpretação da reflexibilidade no sintagma verbal. Em francês (exemplo 11), e também em sérvio (exemplo 12), essa marcação ocorre por meio do clítico *se*. Em português brasileiro, podemos notar que o mesmo clítico *se* aparece nas nominalizações que são formadas pelo verbo no infinitivo mais o artigo definido (exemplos em 13(c) e (d)).

(11) a) *Jean s'entend* francês

Jean SE-ouve

“João se ouve” (ele mesmo)

b) *Ils s'embrassent*

Eles SE-beijaram

“ eles se beijaram” (um ao outro)

(12) a) *On se cuje* sérvio

Ele SE ouve

“ele se ouve” (ele mesmo)

b) *Oni se Ljube*

eles SE beijo

“eles se beijam” (um ou outro)

(13) a) João se ouve.

b) Eles se beijam.

c) O ouvir-se de João o fez mudar de ideia.

d) O beijar-se de João e Pedro causou polêmica.

O hebraico e o húngaro marcam o nominal reflexivo e recíproco usando a mesma morfologia que é utilizada para os verbos reflexivos e recíprocos

correspondentes, seja por meio de um padrão vocálico⁶ (hebraico), ou de um sufixo (húngaro). A morfologia que marca os reflexivos, segundo os autores (SILONI; PREMINGER, 2009, p. 367), é típica de operações de redução de valência⁷ nessas línguas. Por exemplo, a mesma morfologia é encontrada também nos inacusativos, como podemos observar no dado do hebraico em 14. Observemos que a morfologia do nome inacusativo neste exemplo – *hitgal-gelut*, ou seja, *hitCaC(C)Cut* – é a mesma do reflexivo em 8(a) – *hitraxcut*, ou seja, *hitCaCCut*.

- (14) *hitgalgelut* *ha-kadur* (*be-morad* *ha-giv'a*)
rolamento. INAC DEF-bola (em-encosta DEF-morro)
“o rolamento da bola na encosta do morro”

A explicação dos autores para o fato de não haver nominais reflexivos em algumas línguas que apresentam o fenômeno da reflexibilidade no sintagma verbal é dada com base na incompatibilidade entre o morfema de redução de valência e a categoria nominal. Contudo, eles notam que, em russo, a morfologia de redução de valência, que é incompatível com nomes, não bloqueia a formação dos nominais recíprocos e reflexivos, como em 10(a-c).

Levando-se em conta que apenas em algumas línguas é possível a presença de nominais que sejam reflexivos ou recíprocos, a análise deste artigo se utilizará de diferenças que são marcadas em um inventário de elementos com os quais a sintaxe vai compor as sentenças e as palavras, como, por exemplo, a existência de diferentes núcleos funcionais entre as línguas. Tais núcleos funcionais, *v* (verbaux) ou *n* (nominaux), são morfologicamente representados, no hebraico, pelos padrões vocálicos. Dessa forma, nossa explicação para o fato de que algumas línguas possuem nominais reflexivos, enquanto outras não possuem, está relacionada à possibilidade, nessa língua, de haver um núcleo

6 Vale ressaltar que no caso do padrão reflexivo *hitCaCeC* temos também um prefixo que faz parte do padrão junto com as vogais.

7 A operação de redução de valência à qual nos referimos diz respeito à redução no número de argumentos de um verbo ou de um nome. Por exemplo, um verbo transitivo possui dois argumentos e, se aplicarmos uma operação de redução de valência, esse mesmo verbo passa a ser um verbo com apenas um argumento. A redução de valência é encontrada, principalmente, em verbos inacusativos, que possuem como argumento apenas o objeto direto (como em *Chegou a carta* *versus* *A carta chegou*) e na voz passiva, a qual tem seu o argumento sujeito apagado (*O João leu o livro* *versus* *O livro foi lido*).

funcional *n* compatível com a redução de valência nos nomes, assim como com a interpretação reflexiva/recíproca dos mesmos.

Uma vez que estamos tratando de redução de valência na grade argumental dos nomes, vejamos o que ocorre nas mesmas línguas já tratadas, quando temos nominais formados a partir de verbos inacusativos⁸, os quais não selecionam um argumento externo, isto é, não selecionam o sujeito. Notamos que, diferentemente do que ocorre com os nominais reflexivos, que não possuem sua contraparte em todas as línguas, os nominais inacusativos, com sujeito experienciador, são possíveis em todas as línguas:

- (15) a) *hitkavcut* *ha-mixnasayim* *ba-kvisa* hebraico
encolhimento.CS DEF-calças em.DEF-lavagem
“o encolhimento das calças na lavagem”
b) *hit'anyenut-o* *ba-be'aya*
interesse-ele.CS em.DEF-problema
“o interesse dele no problema”
- (16) a) *Le rétrécissement du pantalon au lavage* francês
O encolhimento prep.DEF calça em.DEF lavagem
“o encolhimento das calças na lavagem”
b) *L'intérêt de Marie pour ce livre*
DEF-interesse de Maria por este livro
“o interesse de Maria por este livro”
- (17) a) *az ing össze-gyűr-öd-és-e* húngaro
the camiseta PRT(junto)-dobra-UNACC-NOMINAL-AGR
“a dobradura/dobragem da camiseta”
b) *János-nak a tema iránti érdekl-öd-és-e*
János-DAT the tópico sobre interesse-DECAUS-NOMINAL-AGR
“o interesse de János no assunto”

Continuando a discussão sobre a mudança de valência nos nominais, consideremos, por sua vez, os dados de sentenças na voz passiva. Nas construções

8 Verbos inacusativos são uma classe de verbo que apresenta apenas o objeto direto como argumento, como, por exemplo, em *Chegou a carta* *versus* *A carta chegou*; *Caiu a pedra* *versus* *A pedra caiu*.

passivas, temos a detransitivização do verbo, de modo que seu argumento externo (na passiva trata-se do sujeito agente que se torna agente da passiva) é alocado, em línguas como o português brasileiro, na posição de um adjunto. De modo geral, não parece haver, por meio das línguas, nominais passivos que são morfologicamente codificados como tais. No hebraico, o padrão 2, **niCCaC**, especializado na passivização dos verbos do padrão 1, **CaCaC**, mas que também é ambíguo entre uma leitura passiva, inacusativa, reflexiva ou recíproca, tem como seu padrão nominal correspondente o padrão **hiCaCCut**⁹, que não apresenta uma leitura passiva. Observemos os dados em 18 e 19.

- (18) a) *ha-nasix* *nextaf* *al-yedey* *ha-šoded*
 DEF-príncipe sequestrado.PASV por DEF-ladrão
 “o príncipe foi sequestrado pelo ladrão”
- b) **hexatfut* *ha-nasix*
 sequestro.PASV DEF-príncipe
- (19) a) *ha-rav* *ne’erax* *le-vo* *ha-xag*
 DEF-rabino preparar.REFL para-vinda DEF-feriado
 “o rabino se preparou para a vinda do feriado”
- b) *ha-šulxan* *ne’erax* *al-yedey* *ha-melcar*
 DEF-mesa preparar.PASV por DEF-garçom
 “a mesa foi disposta pelo garçom”
- c) *he’arxut* *ha-rav* *le-vo* *ha-xag*
 preparação.REFL DEF-rabino para-vinda DEF-feriado
 “o preparar-se do rabino para a vinda do feriado”
- d) **he’arxut* *ha-šulxan* (*al-yedey* *ha-melcar*)
 preparação.PASV DEF-mesa (por DEF-garçom)

No exemplo em 18(a), temos a possibilidade de leitura passiva para a sentença, porém, em 18(b), a combinação da mesma raiz no padrão nominal correspondente torna a formação agramatical. Em 19, podemos observar

9 Em nosso trabalho, não percebemos uma grande diferença entre o padrão **hiCaCCut**, que forma nominais a partir do P2 verbal (padrão passivo do P1) e **hitCaCCut**, que forma nominais a partir do P7 verbal; por isso agrupamos os dois padrões em um mesmo grupo. Veja que os dois padrões nominais têm uma leitura reflexiva ou inacusativa, mas uma leitura passiva não é possível. Acreditamos que podem se tratar de alomorfes, mas não nos aprofundamos nesse assunto.

a possibilidade de interpretação do padrão verbal 2 como reflexivo e passivo, exemplos 19(a) e (b), respectivamente, porém seu correspondente nominal só pode possuir a interpretação de reflexivo 19(c). A interpretação passiva é agramatical, como mostra 19(d). Já nos exemplos em 20, podemos perceber que as leituras inacusativa e passiva também são possíveis com o padrão verbal 2, mas somente a leitura inacusativa é permitida com o padrão nominal correspondente, como mostra o exemplo em 20(d), com agramaticalidade para a leitura passiva:

- (20) a) *sedek* *nocar* *be-xazit* *ha-binyan*
rachadura criar.INAC em-frente DEF-edifício
“uma rachadura (se) formou na frente do edifício”
- b) *ha-pesel* *nocar* *al-yede* *yoman* *šveycari*
DEF-escultura criou.PASV por artista suíço
“a escultura foi criada pelo artista suíço”
- c) *hivacrutsedek* *be-xazit* *ha-binyan*
criação.INAC rachadura em-frente DEF-edifício
“a formação de uma rachadura na frente do edifício”
- d) **hivacrut* *ha-pesel* *al-yede* *yoman* *šveycari*
criação.PASV DEF-escultura por artista suíço

Siloni e Preminger (2009) chamam a atenção para o fato de que não há nada errado com os verbos utilizados nas sentenças acima, uma vez que a passiva nominal para esses verbos existe. Entretanto, podemos notar que os autores não citam o fato de que essas nominalizações, que possuem uma leitura de passiva, são formadas com o padrão nominal CciCa, que é o padrão correspondente ao padrão verbal 1 CaCaC, como já vimos anteriormente. Podemos notar ainda que o padrão de nominalização CciCa é aquele em que o argumento externo (ou seja, o sujeito ou agente) não pode ser realizado, o que explica sua utilização nos casos em que o argumento externo não é realizado. Vejamos os exemplos em 21:

- (21) a) *arixat*¹⁰ *ha-šulxan* (*al-yedey* *ha-melcaḥ*)
 colocação.CS DEF-mesa (por DEF-garçom)
 “a colocação da mesa pelo garçom”
- b) *yecirat* *ha-pesel* (*al-yedey* *ha-oman*)
 criação.CS DEF-escultura (por DEF-artista)
 “a criação da escultura pelo artista”

Tendo refletido sobre a impossibilidade de o padrão *hitCaCCut* ser interpretado como voz passiva, mas poder ser interpretado como voz reflexiva e como inacusativo, passaremos, na próxima seção, à análise da formação do padrão.

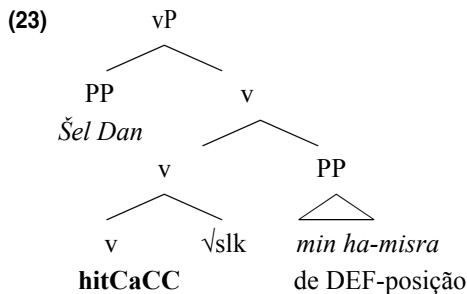
2.1. Um nominal com uma camada verbal

Nossa análise para os nominais recíprocos vai mostrar que, diferentemente da argumentação de Siloni e Preminger (2009), é possível dar a esses nominais um tratamento na sintaxe, de modo que a assimetria existente entre algumas línguas, que permitem a marcação da reflexibilidade/reciprocidade no sintagma verbal, mas que não a permitem no sintagma nominal, decorre da diferença das categorias funcionais presentes no inventário dos elementos gramaticais na gramática de uma determinada língua. Este inventário de categorias é marcado parametricamente, segundo a Teoria Gerativa, ou adquirido no processo de aquisição da língua. Não obstante, mostraremos que o hebraico forma tais nominais com o padrão *hitCaCCut* em duas fases, ou camadas: uma verbal e outra nominal. Tal argumentação está baseada no modo de seleção dos argumentos da nominalização, ou seja, na presença de um sujeito e um objeto, ou apenas de um sujeito, e dos resquícios morfológicos do padrão verbal, no padrão nominal. No que diz respeito aos resquícios morfológicos, nossa análise defende que os padrões vocálicos podem ser desmembrados. Voltemos para os dados do início deste artigo:

10 A palavra *arixat* é iniciada por um א, do padrão de modo que é esta letra que ocupa a primeira consoante.

- (22) a) Dan **histalek** *min* *ha-misra*
 Dan deixar prep DEF-emprego
 “Dan abandonou/se mandou o/do emprego”
- b) **Histalkut-o** *šel* *Dan* *min* *ha-misra*
 abandono.CS-pron.3ª prep. Dan prep DEF-emprego
 “o abandono (dele) de Dan do emprego”

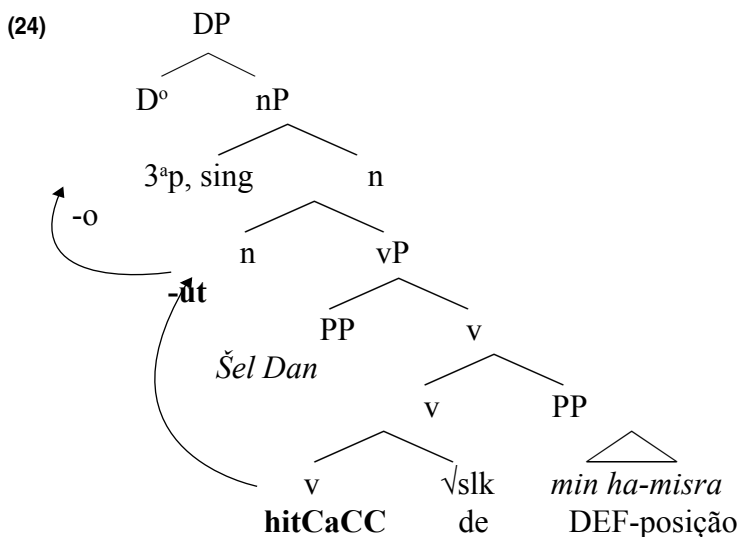
Notamos nesses dois dados acima uma parte comum **hitCa**, que está presente tanto no verbo quanto no nome. Consideramos que essa parte comum marque a primeira fase da formação do verbo, ou a primeira camada, que transforma a raiz sem categoria gramatical em um verbo. É nessa primeira fase (MARANTZ, 2001; ARAD, 2003), portanto, que uma raiz como $\sqrt{\text{slk}}$, que possui um conceito como “deixar”, adquire o significado reflexivo de abandonar, demitir-se, se mandar. Esse padrão, ou essa parte que constitui o padrão, possui ainda como uma das suas características a projeção de duas posições para os argumentos: uma posição para o complemento *min ha-misra* e outra posição de especificador, onde será alocado o sintagma preposicional *šel Dan*, nesse caso. Vejamos a estrutura dessa primeira fase em 23:



A estrutura em 23 mostra que o padrão vocálico **hitCaCC** se combina com uma raiz $\sqrt{\text{slk}}$, que deverá ser incorporada ao padrão formando **histalk**. Há, nesse primeiro momento, a formação de uma parte verbal que projeta uma posição para o argumento interno e para o argumento externo. O argumento interno (objeto) é o sintagma preposicional *min ha-misra* “do emprego”, e o argumento externo (sujeito) é o argumento *šel Dan* “do Dan”, como já disse-

mos anteriormente.

Contudo, o alvo da derivação que está ocorrendo não é um verbo, ou seja, não é *histalek*, mas o nome *histalkut*. Deste modo, há uma segunda fase na derivação, que, como dissemos, é sintática. Nessa segunda fase de formação do nominal, temos uma estrutura de *Construct State* (CS) (MINUSSI, 2008), e a adição do morfema **-ut** que comporá o padrão. Uma vez que já ocorreu a primeira fase da palavra, segundo alguns autores (MARANTZ, 2001; ARAD, 2003), não há mais como negociar o significado da raiz, por isso o significado reflexivo e “lexical” do verbo já formado, assim como a preposição selecionada pelo padrão verbal *min*, que acompanha o complemento *min ha-misra* “do emprego”, também permanece inalterada. A primeira fase do nominal não sofrerá alterações semânticas e já pode ser enviada para interpretação. Vejamos a continuação da estrutura em 24:



O morfema **-ut**, que é adicionado à estrutura, projeta uma posição de especificador, a qual será preenchida, em 24, pelos mesmos traços do especificador de v, ou seja, terceira pessoa do singular. Consideramos o morfema **-ut**, nesta análise, como um nominalizador, isto é, um morfema que pode ser anexado a nomes, adjetivos e verbos, transformando-os sempre em um nome, como

vemos em 25.

- (25) a) *sifria* (nome) “biblioteca” *sifrut* “literatura”
b) *maher* (adjetivo) “rápido” *mhirut* “rapidez”
c) *yeled* (nome) “menino” *yaldut* “infância”
d) *‘axzari* (adjetivo) “cruel” *‘axzariut* “crueldade”

Por fim, ainda podemos notar dois movimentos de núcleo para a formação correta do nominal: (i) de *v* para *n*, pois o morfema **-ut** é um morfema preso; (ii) de *n* para D^{o11}.

Conclusão

Podemos concluir que a formação dos nominais com o padrão **hitCaCCut** é composta de núcleos funcionais *v* (verbal) e *n* (nominal) e ocorre em duas fases distintas. Na primeira fase, um núcleo verbal **hitCaCC** é combinado com a raiz, negociando com essa raiz um significado reflexivo e licenciando dois argumentos. Na segunda fase, o morfema **-ut** é inserido, provocando o alçamento do verbo para essa posição e mudando sua categoria de verbo para nome. Esse morfema, por sua vez, licencia uma posição de sujeito. Dessa forma, como consequência da análise proposta, temos que o padrão nominal reflexivo do hebraico pode ser desmembrado em pelo menos duas partes **hitCaCC** e **-ut**.

11 Há um fenômeno relacionado ao CS e à posição de D^o chamado de definitude espaiada. A posição de D^o, dentro do CS, não é ocupada pelo morfema de definitude *ha-*. O fenômeno da definitude espaiada ocorre da seguinte forma: o segundo membro do CS recebe a marcação de definitude pelo morfema *ha-*, mas o CS inteiro é definido. Por exemplo, em *beiyt ha-student* “a casa do estudante”, *ha-student* recebe a marca de definitude, mas *beiyt ha-student* como um todo é definido. Vejamos que *beiyt* não é acompanhado pela definitude, mas é também definido.

Referências

- ARAD, Maya. Locality constraints on the interpretation of roots: the case of Hebrew denominal verbs. *Natural Language & Linguistic Theory*, v. 21, p. 737-778, 2003.
- _____. *Roots and Patterns*: Hebrew morpho-syntax. Dordrecht: Springer, 2005.
- BAT-EL, Outi. Stem modification and cluster transfer in Modern Hebrew. In: *Natural Language and Linguistic Theory* 12, 1994, p. 571- 596.
- _____. In search for the roots of the C-root: The essence of Semitic morphology. *The Workshop on Roots and Template Morphology*. Los Angeles: USC, 2001. Acesso em: 10 ago. 2009. Disponível em: <http://www.tau.ac.il/~obatel/bat-el_2001_c_root.pdf>
- DORON, Edit. Agency and Voice: The Semantics of the Semitic Templates. *Natural Language Semantics*, v. 11, p.1-67, 2003.
- GLINERT, Lewis. *The Grammar of Modern Hebrew*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In: HALE, Kenneth; KEYSER, Samuel Jay. (eds.). *The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvian Bromberger*. MITPress, Cambridge, MA, 1993, p. 111-176.
- HAZOUT, Ilan. Action nominalizations and the lexicalist hypothesis. *Natural Language and Linguistic Theory*. Kluwer Academic Publishers, 1995, p. 355-404.
- MARANTZ, Alec. No Escape from Syntax: Don't Try Morphological Analysis in the Privacy of Your Own Lexicon. In: DIMITRIADIS, Alexis et al. (eds.). *Proceedings of the 21st Penn Linguistics Colloquium*. In: *Working Papers in Linguistics*, Philadelphia, p. 201-225, 1997.
- _____. Words. In: *West Coast Conference on Formal Linguistics*, University of Southern California Los Angeles, 24 february, 2001. Acesso em: 18 abr. 2009. Disponível em: <<http://web.mit.edu/marantz/Public/EALING/WordsWCCFL.pdf>>
- MINUSSI, Rafael Dias. *A relação entre caso e definitude no hebraico: o Construct State e a marcação diferencial de objeto*. (Dissertação) 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-30092008-152504/>>
- SIDDIQI, Daniel. *Syntax within the word: economy, allomorphy, and argument selection in Distributed Morphology*. *Linguistik Aktuell/Linguistics Today* 138. Amsterdam: John Benjamins, 2009.
- SILONI, Tal; PREMINGER, Omer. Nominal voices. *Quantification, Definiteness, and Nominalization*. Oxford: Oxford University Press, 2009, p. 365-385.